

---

# CAPIBARIBE VIVO





# CAPIBARIBE VIVO



Realização



Apoio



# CAPIBARIBE VIVO



Organização: Jussara Salazar

Recife, 2014

Capibaribe Vivo - Diversos autores  
© 2014, Parque Capibaribe

*Coordenação editorial e organização:* Jussara Salazar  
*Assistente de produção editorial:* Manuela Salazar  
*Capa e projeto gráfico:* Jussara Salazar  
*Diagramação:* Natália Barbosa  
*Imagem Capa:* Nationaal Archief, Domínio Público  
*Assessoria de Imprensa:* Diálogo  
*Impressão:* Companhia Editorial de Pernambuco - Cepe

---

Coletivo Parque Capibaribe  
Capibaribe Vivo/Vários autores - Recife: Parque Capibaribe, 2014.

2014  
Parque Capibaribe  
Rua do Bom Jesus, 191, Bairro do Recife  
Recife | PE | CEP 50030-170  
Tel: (81) 30376689  
parqcapibaribe@gmail.com

## índice

Abel Menezes [Recife].....	9
Adélia Coelho Flô [Recife].....	13
Aymmar Rodríguez [Recife].....	17
Bruno Liberal [Petrolina].....	21
Cândido Rolim [Fortaleza].....	25
Cida Pedrosa [Bodocó].....	29
Cristhiano Aguiar [Campina Grande].....	35
Cleyton Cabral [Olinda].....	39
Delmo Montenegro [Recife].....	43
Fábio Andrade [Recife].....	49
Fernando Monteiro [Recife].....	53
Francisco Pedrosa [Recife].....	57
Gerusa Leal [Recife].....	61
João Gomes [Recife].....	65
João Urban [Curitiba].....	69
Jomard Muniz de Britto [Recife].....	73
Jorge Filó [Recife].....	77
José Juva [Olinda].....	81
Jussara Salazar [Recife/Curitiba].....	85
Manuela Salazar [Curitiba].....	89
Marcelino Freire [Sertânia/Recife/São Paulo].....	93
Marcopolo Guimarães [Recife].....	97
Maria Alice Amorim [Juazeiro/Petrolina].....	101
Mariana Nepomuceno [Olinda].....	105
Martim Palacio Gamboa [Montevideú].....	109
Mayra Melo [Recife].....	113
Micheline Verunschik [Recife].....	117



Raul Córdula [João Pessoa].....	121
Raimundo de Moraes [Recife].....	125
Ricardo Aleixo [ Belo Horizonte].....	129
Rodrigo Édipo [Olinda].....	133
Socorro Nunes [ Araripe] .....	137
Valmir Jordão [Recife].....	141
Wellington de Mello [Recife].....	145
Wilson Freire [Sertânia].....	149
Régis Bonvicino [São Paulo].....	153



Abel Menezes



## De B a Z

O Bio

Singular

Diverso

Transverso

O Dio

Dia

Dádiva

Vida

O Fio

Prumo

Elo

Abismo

O Pio

Acalanto

Súplica

Ninho

O Zio

Zoar

Soar

Zunir

O Cio

Correntes

Serpentes

Confluentes

O Rio

Rumos

Ritmos

Ramos

Bio Cio Dio Pio

Fio Rio

Adélia Coelho Flô



## **margem**

Do Rio Capiba a Rir  
O Frevo vivo das águas  
Clarins, peixes e mágoas  
O velho e o Rio  
Canções Naufragadas  
O lixo entocado de todas as almas  
Recife, Aurora, Calçadas e Guias  
Poetas, Emparedadas e Liturgias  
Blocos, sombrinhas e alegrias  
Do rio Capibaribe  
Paisagens, vertigens e Embulias.  
Do Rio Capiba a Rir.



Aymmar Rodríguez



## **venérea**

são sessenta pontes  
três milhões de pernas  
quatrocentos e setenta e três mendigos  
dois jacarés na várzea  
um macaco triste no treze de maio  
oito atropelamentos  
trinta fantasmas  
brindando no savoy  
e um rio sinuoso e podre  
afogando em lama e medo  
trinta mil sonhos frustrados



Bruno Liberal



## **cidaderio**

Olhando agora, percebo que estou me misturando. Fundindo meu corpo de rio com esse corpo de cidade que virou casa. Somos uma coisa única. Cidade-rio. Uma coisa que não vive sem o outro.

Meus braços são margens de uma história que nunca acaba. Braços que se enraízam na cidade do Recife. Meu pescoço segura a cabeça de um dragão que luta para manter-se em pé. As pernas batem aflitas tentando escapar do homem que persegue. Corro em direção ao mar, justo o mar que é o fim. Corro para a certeza da morte que espera paciente em seu canto salgado. O fim que também é o começo de um mar vasto e imponente. Um canto de sonho, de esperança do homem que maltrata e despeja seus dejetos. Como uma puta recebendo tudo isso de bom grado e se envenenado na miséria de sua alma. Sou assim mesmo. E sou também o homem que bebe o próprio sangue e precisa se libertar dos seus tormentos.

Estou me envenenando pela cidade, pelos homens. Sou a única esperança de suas vidas. Estou morrendo por vocês.

Mas quem é que me salva?

É certo que estou confuso. Mas não creiam na minha morte, por mais que a queira quando me vejo de cima, olhando todo dia o espelho da noite. Ainda sou a chama de uma água única que caiu do céu com a lágrima de vida que Deus ofereceu. Estou tão vivo quanto a cidade que me abraça, quanto a força dos meus sonhos.

Não creiam na minha morte. É certo. Sua crença é minha única esperança.



Cândido Rolim



## **capibaribe**

contra essa espécie de  
eflúvio em cuja terceira  
margem deitam  
roseanos bel  
letristas

(e outros tantos contabilizam e  
onanizam alheios à sua  
história)

o rio arfa quase estanque  
entre vida e polis  
dividida: o rio  
esse animal  
roe dor



Cida Pedrosa



## **a viagem das águas**

capibaribe tenha fé  
o meio dia chega

os homens largam o roçado  
os filhos empunham a enxada  
e a mesa não acolhe a fome

há colheitas e canaviais a tua espera  
a vida não é só cais

capibaribe tenha fé  
a tarde chega

as mulheres vêm do mangue  
os homens recolhem a rede  
e a cama não acolhe os braços

há cimento e luzes a tua espera  
a vida não é só cais

capibaribe tenha fé  
a lua vem

vá se despedir das margens  
das pontes e alagados  
do porto e dos casais

há sal e ondas a tua espera  
a vida não é só cais

capibaribe tenha fé  
a noite vai

o lençol ainda ampara o sono  
as mesas escapam da fome  
e o mar avança nas docas

há madrugadas e naufragos a tua espera  
a vida não é só cais

capibaribe tenha fé  
quem sabe o sol tarda  
a manhã se encolhe  
e dá tempo para conter os homens

## **baixa maré**

no meio do rio  
a garça

na borda as baronesas de ontem  
enfeitam a manhã  
de sol e mosquitos

a lama é passarela  
pra moça de uma perna só

a canoa embaixo da ponte  
rema o homem para o mangue

em cima  
o ônibus cheio de olhos

no meio do rio  
há garça  
e o sol plana no inverno junino



Cristhiano Aguiar



## **o fragmento do rio**

Na minha frente não há mais varanda, nem rio, apenas uma parede larga. Apesar disso, sinto as mesmas impressões de quando, nas tardes de sábado, ou após chegar do trabalho, me sentava em uma cadeira de plástico, posicionada na varanda do apartamento onde morei em Recife, e tentava observar o Capibaribe. Raramente uma mulher me fazia companhia; na maioria dos dias havia apenas um céu alaranjado e um bando de morcegos, que rodavam pelo ar se movendo como hamsters de laboratório. A paisagem era formada por matéria muito espessa, de modo que toda a cidade ficava recortada e incompleta. Pensando bem, o Capibaribe não deixa de ser como a parede do prédio que agora observo através da janela, com a diferença de que todo edifício é um rio que corre tanto para cima, quanto para baixo.

É possível lembrar de um poema de João Cabral, que compara o ato de observar o rio com o de assistir a um filme no cinema. Me parece verdadeiro, mas é preciso um ajuste, porque observar meu rio significa frequentar um cinema onde todos devem entrar de olhos fechados. A verdade: aqui dentro, o rio está habitado. E cheio de monstros marinhos, redemoinhos, piratas, peripécias. Lá fora, na parede, corre o rio também: o problema é que ele é só margem.



Cleyton Cabral



## **Recife, amor concreto**

*Para Miró da Muribeca*

Minha garganta, tijolo a tijolo, enormes arranha-céus.  
Minhas veias entupidas de cimento até a cobertura,  
de frente para o Capibaribe.  
E eu resisto.



Delmo Montenegro



Na hora vala  
Deus abençoe nossos  
intestinos

abra

a rosa dos peptídeos

Prakshalana

O verbo  
molúsculo

Varisara

purifique  
os anéis da concha

concêntrico

primordial

até o dia de nossa morte

o

que  
fede como flor reversa

sempre

Espelho

# Rio

Abram-se as cólicas

para

Vista-se

de

Krishna

entre

Capivaras

Shankti

dança  
rubi

Shankti

de

Chuva

redemoinhos

e

Diástoles

de

turvas

águas

O NASCEDOURO

nascera

Fábio Andrade



## **o Capibaribe e seu gosto**

um rio é um nome  
e mais que um nome – animais plantas  
e gente que vê nele o seu leito  
e latas e lixo

um rio é menos  
que um nome

um curso  
sem destino  
sem hora para estancar seu ritmo

onde se banhar centenas de vezes

e  
voltar

como se cada uma fosse a primeira

um rio tem sempre o gosto  
da palavra rio  
e de suas líquidas e profundas algas de faca  
e capivaras onde lágrimas  
se misturam

com o cauim forte dos dias

todo rio nos leva pra casa.



Fernando Monteiro



## os afogados

1. Os afogados nos rios, os mortos na água de lama sem sepultura, sempre me pareceram mais mortos do que os defuntos enxutos, vestidos para o enterro por mãos amigas ou estranhas - na sua solidão de gravata frouxa e (inúteis) sapatos.

2. Os afogados nos rios tiram os sapatos, largam as sandálias antes de entrar na fluidez da água que os convida para desaparecerem do mundo de caranguejos humanos de patas as mais afiadas, temíveis garras de insinceridade que não pode olhar para um rio como a líquida tumba do bruto de atos tautologicamente brutais de traição e desamor sem ar para respirar quando o traído e o desamado mergulham sem remissão.

3. Os afogados nos rios me tiraram a respiração (sempre), é natural para quem foi criança vendo um ou outro corpo surgir do Capibaribe mordido dos animais que se alimentam dos humanos que não sabem ou não quiseram nadar -mas quiseram parar a correnteza das suas vidas.

4. Os afogados nos rios são anunciados pelos ribeirinhos. Apareceu um corpo, surgiu um morto (mais morto do que os outros mortos)!

5. Os afogados nos rios eram anunciados com um espanto vizinho da esperança de surgirem mais mortos ao longo da semana de pesca de pequenos bichos feios afeitos à lama - e nenhum cão que não pode ter plumas.

(Por que um rio seria um cachorro sem nenhuma?)

6. Os afogados nos rios passam debaixo das baronesas, nas enchentes espetaculares que nos abandonaram à completa falta de tragédia. As baronesas não são nobres mulheres em cima dos falos dos afogados sem sexo (o falo é a primeira parte comida pelos caranguejinhos so-lertes), mas plantas lentas que passam como um cachorro com pelos. Cão tem pelos, essa é a verdade.

7. Os afogados nos rios não tem pelos, porque já pas-sam despídos deles, em carnes comidas que alimentam a voragem do rio sem vira-latas inteiros.

8. Os afogados nos rios provam que a morte pela água é uma horrível morte que incha a barriga e deixa os olhos abertos para o céu ou o inferno. Ninguém quer ver os afogados de perto. Eles quase não têm parentes que saiam da secura para dizer: “Esse afogado é meu, eu o reconheço, apesar de tudo, pela coragem de se juntar ao rio fedorento, talvez depois do abraço que lhe neguei”...

9. Os afogados nos rios se purificam não pelo poema do cão imberbe, mas pelo afeto da desesperança que, afinal, às vezes os enterram longe das águias passando, lentas, por dentro de uma cidade cortada por rios aos quais os passantes sobre as pontes se tornaram indiferentes.

10. Os afogados nos rios serão meus irmãos por toda uma eternidade de inconformação com um rio ser chamado impunemente de cão.

Francisco Pedrosa



## estuário do atlântico

1

O rio

Com sede de barçaças

Cai

Antes do dialeto da chuva

Jorra

Inexplicável

Pelo vapor das pontes

O rio

Pendurada na foz íngreme

Despenca

Tímido

Das lágrimas de chumbo

O rio

Em sua fome de asas

Corre

Inerte

Entre as pernas do tempo

2

**alma = lama**

O Capibaribe se veste do Recife

O Recife se despe no Capibaribe

Há muito mais que alma neste mangue

Eu

Lama presa

Vejo o intestino da cidade

Fugir com a correnteza

Gerusa Leal



## capibaribe vivo

O rio que corre pela minha cidade passa carregado de entulhos. Nele não se nada, não se pesca, em alguns trechos não se navega nem de barco. Não pertence a ninguém o rio que corre pela minha cidade, e nem por isso é mais livre. Pelo rio que corre pela minha cidade não se vai para lugar nenhum.

E nunca ninguém pensa no que pensa o ano inteiro o rio que passa pela minha cidade. E só se preocupa quando, na estação das chuvas, ele se alegra, se cobre de Baronesas, transborda, entra nas casas, alaga as margens e devolve aos ribeirinhos, de sobejo, o que, sem lhe consultar, durante o ano inteiro, a vizinhança lhe doa.

O rio que corre pela minha cidade não é mais belo nem importante que qualquer outro rio que corra em qualquer lugar da Terra, mas se chama Capibaribe, rio das capivaras. Há placas que o anunciam, há pontes que o atravessam, meninos nos fins de tarde gostariam de jogar nas quadras do novo parque às suas margens, e nos domingos de manhã os nem tão meninos assim se juntariam com os amigos para a pelada semanal, pedaladas, piqueniques, mas o rio que corre pela minha cidade tem águas escuras e tristes, e tem cheiro de chorume.

Que o caminho das capivaras não mereça cuidados apenas com a beleza das margens do rio que corre pela minha cidade e com a mobilidade das pessoas em suas vias. Pois o Capibaribe precisa, para fazer jus ao nome, continuar a abrigar em suas águas a vida. Que não pulsa apenas em terra firme.



João Gomes



## **capibaribe à vista**

[Ponte Princesa Isabel]

Todos se dispersam  
vendo rio à margem.  
Parapeito debruçado,  
corpo no banco deito.  
Bustos gozam sossego,  
aptos de arcar demora.  
Prossegue madrugada  
e o curso passeia cheio.

[Ponte Duarte Coelho]

Revela nestas águas  
parcas tantos nadas  
nos estreitos barcos  
a leves remos dados.  
O rio se incita sereno  
ao molhar enxergado  
informe a todos idos  
e se bastam as águas.

[Ponte da Boa Vista]

Ai, como és o tráfego  
dito pros que passam  
amolecendo o imerso  
volto-me sono pétreo.  
Desperto aos cálculos,  
vossa cauda, extensão  
e valores de tua corda  
amarra-nos epopeias.

João Urban



O Rio Capibaribe é valente. Percorre seus 240 km, ora seco, ora abundante, e nesse caminho recebe o lixo e o carinho de Poções, Toritama, Santa Cruz do Capibaribe, Salgadinho, Limoeiro, Paudalho, São Lourenço da Mata e tantas outras paragens. Devolve em peixes, frescor e paisagem. Recebe também a água e os dejetos dos muitos rios que acolhe: Jundiá, Pará, Tapera, Arroz, Topada, Caiá, Jataúba, Camaragibe, Mimoso, Aldeia Velha, Tabocas, Carapotós, Cachoeira, Éguas, Cassatuba, Grota do Fernando, Cotumguba, Goitá, Tapacurá, Fazenda Velha. O Capibaribe tem como aliadas algumas pequenas matas em sua extensão, que ele namora com ardor e lhe dão forças para seguir viagem. Queira o deus dos rios que os homens não as eliminem, ele morreria de tristeza. Nas cheias traz em seu leito as baronesas, avisando ao povo que suas águas vão subir. Severinos passaram por todas essas vilas, cidades, rios e riachos e chegaram ao Recife, cresceram e se multiplicaram, uns heróis, outros bandidos... O Capibaribe abraça a cidade grande, traz peixes, passa por suas mil pontes, onde pescadores, agradecidos aguardam seus regalos com redes e anzóis. Nos gabinetes e palácios, homens de gravata e mulheres de tailleur fazem promessas ao rio, de que sua vida vai melhorar, e que suas águas voltarão a ser limpas, o rio escuta pacientemente e generoso, invade os canais e aceita gentilmente as marés. Enquanto isso não acontece, une-se ao Beberibe, e “formam o oceano Atlântico”...



Jomard Muniz de Britto



## **CAPIBARIBE para todos e de ninguém**

*Jomard Muniz de Britto, jmb*

O texto de João Cabral de Melo Neto  
que arrebentou o século passado, década 50,  
não mais que de repente se tornou plural.

Aguda criticidade de palavras em palavração.

**O Cão sem Plumas** se transfigurou em **Cães sem Plumas**.

Através da intersemiótica do curador-ensaista  
MOACIR dos ANJOS. Seus demônios exigentes.

Artes expandidas sem concessões bienalescas.

Mas nossa cidade, jamais cidadela, continua em processo  
de transmutação com desordens amoráveis.

Cidade RE-ci-FEDE. Recinfeliz. Eternos retornos per-versos.

De João Cabral à cineasta KATIA MESEL perambulando  
intervenções musicais de GERALDO AZEVEDO em fulgor.

Itinerário tão épico quanto de lirismo ardente pela

Bossa Nova aos Tropicalismos encarando a performatividade

Mangue Beat de CHICO SCIENCE até sua filha LUANA.

Capibaribe solicita luas TRANSromânticos.

Ó cidade de todos os pós e buracos navegáveis.

Pós tudo e pós todos, sedentos de fundos culturais.

Arrecifes do Brasil. Solidões atlânticas.

Imaginários Capibaribes em potência TRANSformativa.



Jorge Filó



## **capibaribe**

É como um fio de luz  
Onde reflete a cidade  
O Capibaribe conduz  
Faces da realidade.

A silhueta reluz  
Traços de modernidade  
Onde também se traduz  
Da palafita a verdade.

Seu passeio é travessia  
Suas pontes, são a guia  
Pensar nadar, se proíbe.

Água clara na nascente  
Na foz, chorume é corrente  
No mar do Capibaribe.



José Juva



## **caapi capibaribe**

lavar os ossos na lama, l  
amber o fogo do rio:  
semente, medula, fala  
dos mortos pelo chá, vivos.

sopro, palavra do vento,  
água entra no ouvido: f  
umaça, tutano, dedos  
no sono da terra, líquidos.

vinho, a visão submersa,  
colher os dentes do grito:  
folhas, espíritos, pedras  
nos desenhos dos caminhos.

lótus aberta no lodo,  
carne coberta de lixo:  
seiva, horizonte, sonho  
na sombra suave, riso.



Jussara Salazar



## cristais sobre o rio

*À memória de Caio Fernando Abreu*

Sim, lá vai o rio.

Passa espesso, luminoso, profundo. Intenso vai carrega  
os velhos cristais que navegam a procissão de homens,  
flores, fitas, votos, velas

Fantasma ondulam a superfície larga. Quaram

Óculos e vejo

as medusas, turmalinas, passos, tentáculos, o branco azul  
que dói, o texto monturo de ontem.

Mas hoje nenhum arbusto flutua

Nada, nenhum fruto apodrecido, nenhuma carne em  
agonia

tudo é silêncio

Um sopro acalma:

os ventos de Iansã circundam brisam o rio das capivaras

Respiro o aprazível de tocar com os olhos até as pedras  
submersas nesta terra de árvores marinhas — campo,  
templo de deuses sem nome, querubins de muitas lín-  
guas, água de tantas ofélias

Língua de casca áspera no bate-bigorna. [um prego  
nervoso degola um halo de luz, diz que é para escrever  
tocando o papel devagar, sem chispas, *à Lorca.*]

Mudo de cadeira, procuro o sol mina vermelha de seda  
em ouro bruto

Osso oco, metáfora resto

*[vinde, caminha sobre essas águas e observa, contempla as  
baronesas que surgem feito exércitos, as ovelhas brancas, as  
romãs passando, boiando como cristais delicados, sol que-  
bradiço, umbigo esquisito da cidade]*

Cinco martírios

A lâmina do tempo me diz outra vez: é um rio — e rápida também passa. Por isso aguardaremos a chuva e o sol, aguardaremos aquele que nunca para de passar  
O inseto baila sua nudez sobre vazio do papel  
Mergulho

*Senhora, ai de mim ninguém viu, minha guia caiu no  
espelho do fundo do rio*

Manuela Salazar



O Capibaribe é o rio mais belo que corre pela minha  
aldeia  
eterna ternura pela sinuosa elegância que carrega  
sua correnteza a um cais de memórias sedimentadas.

pela lua que chora suas águas e mangues  
e faz desse rio um cão desplumado  
insinua-se feito cicatriz na cidade

pelas mil baronesas que nascem da chuva  
pelas rebeldes redes que voam das pontes  
pelos peixes que nas tramas se enroscam

o espelho tremeluz ao sol agudo  
e reverbera-flui ao delírio da maré cheia.  
pelo Capibaribe, vai-se para onde?

é a fortuna que rema o rumo do rio  
na poesia de um pássaro azul entre mil  
é com flores azuis que se desenha um rio vivo.

que há além do Capibaribe?  
rio que me faz pensar em tudo.  
se estou ao pé dele estou só ao pé dele?



Marcelino Freire



## **o tempo que passou na minha vida**

A primeira vez em que o Capibaribe passou na minha vida foi na poesia de Manuel Bandeira. Capibaribe? Capiberibe? Depois, o rio tomando a minha casa, no bairro de Água-Fria. Lavando o sofá, quase levando a cachorra embora. Quando o canal da rua transbordava, por causa da chuva, minha mãe dizia: o Capibaribe que encheu. E levantava os móveis para o rio passar. Inundar nossa morada. Depois ali, perto do Teatro de Santa Isabel. Nas manhãs em que eu atravessava a ponte para ensaiar. E o cheiro do rio entrava em cena. E os meninos que pulavam para o fundo da lama. Voltavam à superfície para me pedir uma moeda. Merda! Quanto valia o trampolim? À boca do Cine São Luís a imagem mais bizarra. Garotos-garanguejos mergulhavam em direção aos meus primeiros versos. A geografia da fome era fluvial. Os bois. Os peixes. Quais? João Cabral e o seu cão sem plumas. Bichos afogados. Vindos de longe. De Afogados da Ingazeira. Boi morto? Boy morto? Nunca sei. Sempre confundi o Rio Beberibe com o Capibaribe. E Olinda e Recife. Uma coisa só. A cidade cortada ao meio. Náufragas do mesmo jeito. Não importa. O rio que corre agora na minha memória. Difícil de esquecer. Hoje vivo em São Paulo. A cidade do Rio Tietê. Cantado por Mário de Andrade. Nunca me banhei em suas margens. Fui, na verdade, batizado no Capibaribe. Sou filho de suas águas. É ele que desemboca em minhas veias. Sempre. O tempo que passa. Sujo de tudo. Dentro de mim. Contra a corrente.



Marcopolo Guimarães



## beber à beira do Capibaribe

Beber à beira do rio  
não sua água  
envenenada

beber o nada  
que nada no rio  
água empoçada

o que anda e não se move  
cova lama movediça  
mundiça

que inunda as fossas nasais  
com nauseabundos  
miasmas e mais

pedaços de corpos  
pedaços de carros  
pedaços de mortos

Mesmo assim beber  
à beira do rio  
que nos viu nascer

Beber e beber beber  
e beber até  
se liquidificar

que é só o que nos resta (?)  
enquanto ninguém decide  
fazer o mudar

Maria Alice Amorim



## **ditirambo**

dioniso  
aviva  
sobre o rio o azul  
ermo esmaecido

segue este cortejo  
de baronesas  
e narciso

navega  
as ancas  
trêmulas  
do baldo do rio

murmura sobre as flores  
versos de amor  
sobre o hálito das garças

assovia despudor  
êh zoé  
ousa esta cantiga  
de carnaval

desvario  
de carne  
corais  
ilhas  
pontes

volúpia  
sobre a lama  
o mangue

Mariana Nepomuceno



**Os rios são caminhos em marcha e que  
levam aonde queremos ir.**

Não é cidade. É arquipélago.

Recife é um descaminho

Ou travessia,

Ou bifurcação:

para a água, para a terra.

Se água, marcha de rio – aparência lenta, caminhar forte;

Se terra: Olinda – cidade-ressaca de mar.

Ninguém vê Recife.

Só vê água e gente indo.

Só vê ida e olhos que foram.

O Capibaribe não é rio mesmo com marcha.

É pausa, é porto.



Martin Palacio Gamboa



## capibaribe's blues

Habría sido una ráfaga de arcángeles sin sueño  
o quizás el rigor centenario de tus manglares sobre  
[suelo de estrellas  
lo que me dejó a punto de zozobrar como el Holandés  
[Errante por tus calles  
innominadas y barrocas.  
Habría sido la arbitrariedad de un rey Ubú  
o el mamulengo agazapado entre las puertas de tus  
[edificios que no son ni pos ni  
modernos  
lo que hermana la armonía a los pliegues más atroces del  
[espanto. Al borde del  
precipicio,  
la risa se congela entre resonancias de vibración atómica.  
[El muelle entona  
su balanceo de maracatu dormido como el monstruo  
[inserto en las entrañas  
de los mangos,  
como el monstruo inserto entre las espinas de tus  
[árboles,  
como el monstruo inserto entre el mercado babélico de  
[un San José con estertores  
de zombie,  
como el monstruo inserto en los engranajes que  
[exprimen cañas de azúcar y  
sueñan con dar a luz cangrejos de sangre negra.  
[Perro sin plumas, lodazal  
que amenaza el orden cósmico pensado por prín  
[cipes Deudores de una luz

que no fue nuestra,  
llevas la cadencia a una línea tensa, mandibularia,  
en la que el verbo apenas se pronuncia y se vuelve golpe,  
[remo y rémora, ese no  
saber donde comienza el hombre en aquel  
[hombre -aquellos hombres- y el  
racimo de barcas con Carontes de lengua  
[fosforescentes que piden su  
moneda más dura y cenicienta.

Diríase que el agua turbia de tus cauces  
es una bienvenida a aquel que trae adherido a sus  
[zapatos  
no sólo la suela agujereada y el tono de cuatro o cinco  
[tangos asmáticos y espesos,  
sino esa sombra de aparecido  
que busca en el acaso su otro mapa.

Mayra Melo



## **sonhei com um corpo boiando no rio**

Ali, ó, um corpo boiando no rio.

É um corpo vivo.

Viu?

Vivo e nu.

O corpo está sendo levado pelo rio até não se sabe onde.

O corpo não quer saber.

O corpo não se importa.

O corpo quer se desfazer no rio.

O corpo quer ser levado pelo vento.

O vento encrespa a superfície do rio.

O rio se arrepia.

O corpo se arrepia.

O corpo gosta dos arrepios da superfície do rio e de sua própria superfície.

O corpo sabe que o vento chama a chuva, e chama a chuva também.

A chuva vem.

A chuva roça no rio desde onde o corpo não consegue enxergar.

A chuva são trinta milhões de pingos grossos e gelados que miram o corpo e o rio, e o corpo e o rio se arrepiam ainda mais.

O corpo recebe a chuva como quem ganha um presente.

O corpo abraça a chuva.

A chuva mergulha no corpo.

O rio abraça o corpo.

O corpo mergulha no rio.

A chuva mergulha no rio.

O rio bebe a chuva e o corpo como se fossem afagos.

O corpo agora é o rio, assim como a chuva agora é o corpo.

O rio segue, sendo levado pela vida até não se sabe onde.

Mas ninguém se importa.

Acordei com o coração inquieto

Micheliny Verunschik



## **este rio**

Não sigo este rio.  
Ele me segue,  
cão de olhos baços,  
desde a infância.  
É talvez um deus,  
dizia o meu pai  
e antes dele  
o pai de outro pai.  
Mas não creio.  
Minhas mãos se ressecam,  
meus pés se retorcem  
e a cada dia sou menos eu  
que a paisagem que me toca.  
Fosse este rio um deus  
como queriam os velhos  
e eu seria água  
como ele.  
Todos os antigos morreram pedra  
ou árvore.  
Fosse este rio um deus  
morreriam fonte ou nascente.

Um vento me soprou  
anteontem que a cidade  
se aproxima.

É uma máquina, disse-me,  
cheira mal,  
mas brilha como uma estrela ou uma jóia.

O rio,  
meu cão de olhos baços,  
logo morrerá, eu sei,  
tem convulsões intestinais.  
Morrerá aos meus pés  
este deus ao qual meu pai  
rendeu suas oferendas

Raul Córdula



## mesopotâmia

Vivemos entre rios, entre rios e mangues que terminam no mar. Este ambiente que sugere andar entorno, em caminhos circundantes, envolventes, oferece tudo que nos leva à arte, pois visto de cima este estuário (ou arquipélago?) que é o Recife se transforma num ornato, numa *tache* transbordante de paixão.

O Capibaribe é quem manda, é o maior caminho das águas, corta a cidade sem se importar com as gentes que, por sua vez, viram-lhes as costas, deixa-o nos quintais, nos charcos, mostrando suas fachadas portuguesas para o povo que passa sem se importar também com o Capibaribe.

Em qualquer rio de Portugal, para citar nossa origem, as casas olham para eles, as fachadas lhes saúda. O Tejo, assim como o Sena ou os manais de Amsterdã, os rios são preservados, tanto para uso da cidade como para sua contemplação – nada como olhar as águas, navegar, pescar, nadar, olhar.

Por que o Capibaribe é assim, este “cão sem plumas”? Porque o fizemos ser assim. Porque não vemos o que fazemos. Vanildo Brito, meu querido poeta paraibano do qual só resta a poesia, disse em seu poema dramático *A Serpente Alada: Os homens algemaram-se, agora entreolham-se e perguntam pelo seu carcereiro.*

Em 2010 fiz uma exposição na Arte Plural Galeria intitulada Mesopotâmia, um lugar de rios e calçadas, aonde o vai-e-vem das pessoas são como a correnteza do rio. Pinteí quadros, desenhei, fotografei e grafitei coisa que identificam a cidade com o rio, com o Capibaribe, Recife é o Capibaribe, é aqui por que aqui está o Capibaribe. É urgente revelar o pedaço de nosso rio que se encontra oculto e *imexível* pelo direito de propriedade. É preciso explicar que este direito é do povo. É preciso andar, correr, sentar em bancos, vivenciar a preciosa beira rio que temos aqui.

É fundamental que se instale um parque linear na beira do Capibaribe para a felicidade das pessoas e para fazer a homenagem que o rio merece.

Mas é fundamental que isto seja feito com beleza, alegria e saúde. É fundamental a despoluição do rio, a saúde do rio que significa nossa saúde, nossa alegria e nossa beleza.

Raimundo de Moraes



## **as margens do[s] rio[s]**

O Capibaribe esgotou sua esperança de chegar ao mar e entre esgotos boia semimorto na cidade que tem pressa.

A Igreja do Carmo abre-se num vácuo a abençoar os sem-bússola daqui ou Nova Guiné. Todos os homens são os mesmos ao meio-dia e na morte: suas sombras lembram poças – de palavras e segredos.

Na Venérea Brasileira descobriu-se escondido em escavações um camafeu de Mariquinha. Teria amado algum soldado batavo? No Eufrates – já fora de sua rota há muitos séculos – acharam um vodu babilônico de uma princesa traída pelo guerreiro Karamasis.

Ontem foi sábado e enquanto uma adolescente pinta a boca para um baile funk uma outra se abaixa para pegar mais uma garrafa pet no lixão de Taperoá. Lá não tem Capibaribe, Eufrates, Sena ou Amazonas seco. Mas a vida flui. E tudo passa.



Ricardo Aleixo



## **cantiga de chegada**

*para Penélope Martins*

Em nome das capivaras  
que moram nas margens  
e dendas águas

(  
não nadáveis nem bebíveis  
por humanos  
)

da Lagoa da Pampulha

eu te saúdo  
Caapiuar-y-be

como quem  
já navegasse  
as rotas  
do teu bom futuro

(  
Pernambuco  
afora  
)

e te be-  
besse  
gota a gota  
desde  
agora



Rodrigo Édipo



## **Somos todos ribeirinhos**

Ganhou um rio de presente

Abriu e viu

Estranhou

Tapou o nariz

Chamou a mãe

Mandou jogar fora

Disse que ia jogar fora

Cuidou

Mostrou à mãe

Mãe chorou

Reunião de condomínio

- O rio é meu

- Sou todos vocês

401 sorriu

O 802 também

A mãe chora

A filha também

O porteiro mareja

A síndica também



Socorro Nunes



## capibaribe nu

a cidade  
nua  
escorre  
em teu leito  
restos  
de vísceras  
entregues  
ao relento

redesenhadas  
afetos  
curvas  
cores

ruas invisíveis  
travestidas  
de solidões  
alagadas  
te contornam  
teu corpo  
sobrevive

.

a face da lua  
o espelha  
com delicadeza



Valmir Jordão



## **em minha vida passa um rio**

O dossel do rio se rompeu: As derradeiras baronesas  
Desprendem-se das úmidas entranhas dos barrancos.  
Precavidas , as ninfas já partiram.  
Doce Capibaribe, corre suave, até que meu canto termine.  
O rio não suporta garrafas vazias, restos de comida,  
Lenços de seda, caixas de papelão, pontas de cigarros,  
E diferentes bugigangas em seu dorso ,  
E outros testemunhos das noites insones.  
Os ociosos herdeiros dos magnatas municipais,  
Partiram sem deixar vestígios.  
Às margens do Capiberibe sentei e lá chorei.  
Doce Capibaribe, corre suave, pois falarei  
Baixinho e quase nada te direi.  
Atrás de mim, porém numa rajada fria, escuto  
O insistente chocalhar de ossos na Cruz do Patrão,  
E um riso ressequido tangencia o rio.  
Os lúgubres murmúrios da Emparedada da Rua Nova,  
Ecoam no vento cruzando a terra estiolada.  
O rumor das buzinas e motores, não trarão  
A rebeldia da Praieira, e a  
libertária Confederação do Equador.  
Oh! cidade indomável, às vezes posso ouvir  
Em qualquer bar da Mamede Simões,  
O álcacre lamento de um bandolim,  
E a algazarra que farfalha em bocas tagarelas.

O rio poreja vinhoto e poluição  
As barcaças derivam ao sabor das marés,  
Onde os desportistas ao remo exercitam-se  
Sob os arcos das belas e infindáveis pontes.  
E sua correnteza serpenteia a cidade  
A convidar para o eterno renascimento,  
Rio das Capivaras , corre suave ,  
Até que meu canto termine.  
Cão sem plumas , pássaro fênix  
A prolongar o nosso desencanto e alumbramento.

Wellington de Melo



## **o rio a margem**

o rio em mim  
a margem  
o rio me faz metade  
devolve sempre um quase  
o rio é margem  
o rio em mim  
aragem  
eu margem de mim  
um quase  
um quê  
em mim  
a margem  
em mim  
o quê?



Wilson Freire



## **quando eu rio**

Escreveu “Quando eu Rio”, romance de grande sucesso editorial e crítica, que versava sobre a infância, comparando-a com as águas do Rio Capibaribe que passa rápido. Quase se afoga na fama. Com o dinheiro ganho com o livro, comprou uma mansão às margens do Rio que o consagrou. Dali viria inspiração para outros bestsellers. Achava. Depois da publicação, não conseguiu escrever mais nada. Um dia bateu um desespero e ele invadiu as residências vizinhas, pegou todas as bonecas das crianças, mutilou-as e as jogou nas águas profundas e poluídas do Rio. O mesmo fez com a máquina datilográfica, com a qual escrevera o livro. Depois se sentou em frente a uma velha TV sem imagem no terraço, e passou os dias e noites. Catatônico. Caiu um toró e raios e trovões. As águas do Rio subiram, invadiram e levaram sua casa e ele foi embora. Não se sabe se com as águas ou se fugiu. Até hoje. Quando as águas baixaram, o Rio tinha devolvido as bonecas e a velha máquina de escrever às margens.



**um posfácio ao poeta do rio:**



**Linhas Cruzadas:  
Cabral, o poeta do rio, Miró, Ponç etc.**

Régis Bonvicino

João Cabral de Melo Neto (1920-1999) possui dez livros publicados no mundo hispano-americano (1), todavia é conhecido, em Espanha, apenas por um círculo restrito de intelectuais e aficcionados, sem um leitorado, digamos, mais popular. Ele é, entretanto, o mais “espanhol” dos poetas brasileiros e o maior poeta de língua brasileira ao lado de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987). Merecia, neste país, uma antologia ampla e digna. Como afirma, com pertinência, Nicolás Extremera Tapia (2), Cabral parte de Stéphane Mallarmé (1842-1898), do surrealismo francês (que logo troca, após Pedra do sono, seu primeiro livro, de 1942, a meu ver, pelo suíço Le Corbusier (1887-1955) e o construtivismo, de modo geral), de Paul Valéry (1881-1945), para encontrar na Espanha, em primeiro lugar na Catalunha, suas origens estéticas e vitais. Em abril de 1947, chega, aos vinte e sete anos, a Barcelona como Vice-Cônsul e permanece até agosto de 1950. De 1967 a 1969, retorna à cidade na condição de Cônsul Geral do Brasil.

Embora contasse com Carlos Drummond de Andrade como seu primeiro mestre – o “vanguardista” da Revista de Antropofagia, de 1928, dirigida por Oswald de Andrade (1890-1954), e autor do polêmico e “clássico” poema “No meio do caminho” –, não teve contacto constante, como Drummond teve – por questão de idade

– com os líderes da Semana de Arte Moderna, de 1922, de São Paulo, Oswald de Andrade e Mário de Andrade (1893-1945). Atenção: nenhum dos três Andrades é parente. Cabral foi apresentado, em 1940, no Rio de Janeiro, a Drummond por outro grande poeta brasileiro: Murilo Mendes (1901-1975), com muitos vínculos com a Espanha também.

No entanto, cumpriria, parcialmente ao menos, o programa contido nos manifestos de Oswald, o “Manifesto da Poesia Pau-Brasil” (1924) e o “Manifesto Antropófago” (1928). Extraio de “Pau-Brasil” uma afirmação que poderia definir a obra de Cabral: “A poesia existe nos fatos. Os casebres de açafão e de ocre nos verdes da Favela, sob o azul cabralino, são fatos estéticos”. Sua poesia é feita de fatos e está vinculada aos engenhos de açúcar, onde passou a infância, nas cidades de São Lourenço da Mata e Moreno, e, depois, aos mangues e palafitas (favelas aquáticas) de sua juventude em Recife, capital do Estado de Pernambuco, onde conviveu com: “... Mi pobreza es tal que no/ traigo grandes regalos/ traigo a la madre cangrejos/ pescados en estos lodos...” (3). Do “Manifesto Antropófago” retiro outra frase, que se coaduna com a observação de Tapia: “Só me interessa o que não é meu”, ou seja, o que não é “brasileiro”, exceção feita ao Estado de Pernambuco, que, em seus jogos de dualidade, relaciona com a Espanha: masculino (Barcelona)/feminino (Sevilha), mineral/vegetal, citando, como exemplo, um verso de Lorca, numa entrevista a Tapia (4): “Los ojitos de tu cara tienen los cristales muertos”, música/silêncio (o poema “A palo seco”), vida/morte e a própria dualidade Pernambuco/Espanha.

Em entrevista concedida a mim, no dia 7 de janeiro de 1980, fez restrições aos líderes da vanguarda modernista brasileira: “De Mário de Andrade gosto do Losango Cáqui (1926) e da Lira Paulistana (1945), que conheci, ainda em originais, através de Carlos Drummond”. Sobre o Oswald poeta asseverou: “Empata com Mário, não troco um pelo outro. Não sofri a menor influência de nenhum dos dois”. (5)

A declaração parece-me injusta no que se refere a Oswald de Andrade (Mário nunca viajou para fora do Brasil) – o maior pensador de poesia de vanguarda brasileiro e, quiçá, um dos maiores do mundo, haja vista o prestígio e a popularidade de seus manifestos até hoje, em nível internacional. Oswald era um cosmopolita, que se casou com a maior pintora brasileira, Tarsila do Amaral (1886-1973), e que conviveu, ao lado dela, aluna de Ferdinand Léger (1881-1955) e de André Lhote (1885-1962), em Paris, com Constantin Brancusi (1876-1957), Blaise Cendrars (1887-1961), Eric Satie (1866-1925), Jean Cocteau (1889-1963) e outros. Sem as bases antropofágicas lançadas por Oswald e Tarsila, Cabral não existiria com a força que existiu, embora os estilos sejam bastante diversos. Tarsila é autora de quadros como *A Negra* (1923), pintado em Paris, e *Abapoboru* e *Antropofagia*, ambos de 1928 – os mais marcantes da cultura brasileira. Em *A Negra*, Tarsila destrói os elementos cubistas legerianos, no caso, ao fundo, com a figura exagerada de uma negra brasileira, braços e peitos enormes, à frente, provocando um contraste extremado, entre o limpo e geométrico e o sujo e assimétrico. A palavra “abaporu”, em tupi-guarani, quer dizer “o homem que

come” e foi a tela homônima que desencadeou a escritura do Manifesto Antropófago.

O que quero salientar é que João Cabral foi o único poeta brasileiro a participar de um movimento de vanguarda no exterior, mesmo que, então, num país periférico da Europa (embora o movimento não o fosse), exatamente em Barcelona, ao alinhar-se ao grupo Dau al Set, dos poetas Joan Brossa (1919-1998) e Arnau Puig (1926). E, sobretudo, foi o único a participar desse movimento de vanguarda ao lado de pintores universais como Joan Miró (1893-1983) – notar que suas datas de nascimento e morte são um anagrama –, que conheceu em 1947, Antoni Tàpies (1923), que conheceu em 1949, e Joan Ponç (1927, em Saint Paul de Vence, França-1984), e com Modest Cuixart (1925), Pere Tort (1916-2006), radicado na cidade de São Paulo desde 1952, onde morreu, e outros. A João instigava mais a pintura do que a música, exceto o flamenco, que dizia ser tão estridente, que lhe era útil também para não o deixar dormir, pois sentia-se sempre com muito sono; lembrar que seu primeiro livro intitula-se Pedra do sono. Com certeza, a vinda de Ponç ao Brasil está ligada às suas conversas com o brasileiro. Ponç, com poucos recursos, tentou a vida na cidade de São Paulo, onde criou a escola de arte L’Espai (entre 1956 e 1960, não se sabe, com precisão, nada relativo a este pintor no Brasil) e teve como aluno, entre outros, Nelson Leirner (1932) (6), um dos mais experimentais artistas plásticos brasileiros vivos. Não se sabe se retornou a Barcelona em 1963 ou em 1964, em virtude de ter estado internado, ao redor dessas datas, num manicômio, em São Paulo. Sabe-se que chegou ao

Brasil, em 1953, com uma carta de apresentação de Joan Miró para Ciccillo Matarazzo (1898-1977), industrial riquíssimo e mecenas das artes, que fundou, em 1946, o Museu de Arte Moderna de São Paulo e, depois, em 1951, a Bienal de São Paulo.

Se propus a Ariadna Lluís i Vidal-Folch, ano passado, em Casa América Catalunya, que os catalães reivindicassem Cabral como um poeta catalão, reivindicado, agora, Ponç como um artista brasileiro. Ponç recebeu, em 1965, o prêmio de desenho da Bienal de São Paulo daquele ano, com a série “Suíte pájaros”. Ouso ir além: Dau al Set é um movimento catalão-brasileiro. O poeta de um único livro Salvador Riera, morto em 1974, mudou-se para São Paulo nos 1950, onde conheceu Ponç e o gravador catalão Francesc Domingo (1893-1974) – que não estava ligado ao grupo de vanguarda, e fixou residência no Brasil, onde morreu –, iniciando, com os trabalhos deles, sua coleção, que, em 1973, foi para a lendária Galeria Dau al Set. Riera tornou-se, aqui, em São Paulo, próspero empresário do ramo de confecções de roupas também.

Tàpies afirma, exemplificando a troca entre os catalães e o brasileiro, no filme Recife/Sevilha (7), que Cabral introduziu o grupo ao marxismo, crença que lhe custaria, a Cabral, em 1952, quando já servia em Londres, um inquérito administrativo, onde era acusado de “subversão”, o que o levaria a ser exonerado do quadro de diplomatas – ao qual foi reintegrado por meio de uma ação ajuizada no Supremo Tribunal Federal, então sediado no Rio de Janeiro, em 1954. Seis anos mais tarde Brasília, de Lucio Costa, Oscar Niemeyer e Burle Marx,

seria inaugurada, subtraindo do Rio a condição de capital do país.

### **“Joan Miró”, o livro**

Ponç afirma que seu trabalho girou, sempre, em torno do “mágico” e que o “mágico” era a essência de Dau al Set. É esse “mágico” que Cabral vai perquirir, em termos teóricos e analíticos, em seu ensaio sobre Joan Miró, publicado em Barcelona, em 1950, pelas Editions L’Oc, com gravuras do pintor, que o encomendou ao amigo. Cabral demonstra como a “magia” e o surrealismo adquiriram feição muito própria e renovadora em Miró. Não vou resumir o livro ao leitor espanhol. Para Cabral, a pintura, como a conhecemos hoje, nasceu no Renascimento, ao associar o objeto, “isto é, a representação utilitária, ou a utilidade da representação, à superfície decorada”, mediada pela noção de equilíbrio. E indaga: “Seria possível outra forma de composição (pós-Renascentista)? Seria possível devolver à superfície aquele sentido antigo que seu aprofundamento numa terceira dimensão destruiu completamente? A pintura de Miró me parece responder afirmativamente a esta pergunta”. Cabral prefere ver em *La masía* (1921-1922) – não os dons de colorista e de lírico exaltados pela crítica – mas “uma ordenação tão firmemente estabelecida, que não seria demais defini-lo como obra de um pintor marcado essencialmente pela preocupação de construir. Um quase Lhote”. Para Cabral, Miró simplesmente explode as formas do Renascimento, multiplicando quadros dentro

de quadros, nada interessado na noção de “equilíbrio”.

Aponta o caráter não teórico do catalão: “Sua maneira de compor não pode ser reduzida a leis” e destaca que ele tampouco busca construir “novas leis”. Propõe Miró como o criador de uma “constante dinâmica” e não de uma gramática. E explica que o que caracteriza seu trabalho, a partir de 1940, é o crescente poder da linha (rica), linha tal qual mola propulsora, que funciona como indicação e guia para o “fazer”, concluindo: “Na composição Renascentista a linha está deliberadamente empobrecida”. Vale a pena transcrever o trecho que se segue: “Em Miró, mais do que em nenhum outro artista, vejo uma enorme valorização do fazer. Pode-se dizer que, enquanto noutros o fazer é um meio para se chegar a um quadro, para realizar a expressão de coisas anteriores e estranhas a esse mesmo realizar, o quadro para Miró é um pretexto para o fazer. Miró não pinta quadros. Miró pinta”.

Retomemos o tema da “magia”, proposto por Ponç, e que desemboca no surrealismo. Escreve Cabral: “A Miró haveria de soar estranhamente a estética antiplástica dos surrealistas, interessados em criar um tipo de arte superior e independente dos gêneros de arte, pairando independente da realização objetiva de uma obra, e, às vezes, capaz de existir apesar de uma obra”. Em suma, o brasileiro percebe no surrealismo um desprezo pela forma, em razão de seu princípio do automatismo psíquico, forma que o surrealismo tenta anular, reduzir ao máximo, segundo ele, submetendo-a ao ditado do espontâneo “ou menosprezar completamente, admitindo o frio e amaneirado registro de estados psicológicos ou

visões oníricas, realizado posteriormente, dentro do clima de academia”. João define Miró como “tão unicamente pintor”, desinteressado desses tipos (surrealismo) de antipintura. Vê a originalidade do artista catalão em: “Aquele lua ou aquela estrela não são jamais luas metafísicas ou luas de sonho. São luas e estrelas pintadas absolutamente puras de outras representações de luas ou de estrelas”. Faço um parêntesis para dar como exemplo pessoal *El diamante sonríe al crepúsculo* (1947) – meu trabalho favorito de Miró, que ilustra bem a tese de Cabral. Creio que, igualmente, não se pode reduzir Joan Ponç ao rótulo de “surrealista”: seu trabalho – com índole contundente e feroz – transcende esse pequeno limite. O “mágico”, nele, advém, penso, mais de suas “fantasias” interiores, todavia não se torna o elemento único de suas telas, muito precisas e elaboradas, num “fazer com luta”, para me valer da expressão que Cabral aplica a Miró – a quem considera um inventor, desafeito às descobertas, pois, para ele, no autor de *La estrella matinal* (1946), não há solução que signifique uma vitória de mais de um minuto. É o Miró antimaneirista, admirado, com justiça, por Melo Neto.

Eric Hobsbawn (8), analisando as consequências da globalização, aponta uma questão séria, que a trava: o provincianismo dos políticos e da política, que – ao contrário da economia e de outros aspectos da vida – “não se globalizaram”. As linhas cruzadas de Miró, Cabral, Ponç, Tort, que viveu trinta e seis anos em São Paulo, Catalunha e Brasil, quando este saía de quinze anos de ditadura (1930/1945, sob Getúlio Vargas, para, infelizmente, entrar em outra em 1964, que perdurou

até 1985) e a Espanha estava esmagada e amordaçada pelo General Franco, – esse encontro de inventores e inovadores de nacionalidades distintas lega-nos um exemplo a ser explorado com mais assiduidade, apesar dos políticos e suas políticas tacanhas e atrasadas.

- (1) Seis poemas de “Serial”. Tradução de Angel Crespo. Madri: Separata da revista de Cultura Brasileña, 1962; 2. Poemas sobre Espanha de João Cabral de Melo Neto. Tradução de Angel Crespo e Pilar Gómez Bedate. Madri: Separata de Cuadernos Hispanoamericanos; 3. Muerte y vida Severina. Tradução de Angel Crespo e Gabino-Alejandro Carriedo. Lima: Instituto Nacional de Arte Dramática, 1969.; 4. Antología poética. Seleção e tradução de Margarita Russoto, Caracas: Fundarte, 1979; 5. Poemas. Tradução de Carlos Germán Belli. Lima: Centro de Estudos Brasileños, 1979; 6. Dos Parlamentos. Tradução de Gabino-Alejandro Carriedo, Madri, 1980; 7. La educación por la piedra. Tradução de Pablo del Barco. Madri: Edición Visor, 1980; 8. Muerte y vida severina, Auto del frade. Tradução de Santiago Kovadloff. Buenos Aires: Edición Legasa, 1988; 9. Antología poética. Tradução de Angel Crespo. Barcelona: Editorial Lúmen, 1990 e 10. Piedra Fundamental (Poesía y prosa). Coordinador de la edición, prólogo, cronología y bibliografía Felipe Fortuna y selección y posfacio Antonio Carlos Secchin. Biblioteca Ayacucho, 2002, Venezuela.

- (2) Notas para um trayecto poético, Colóquio Letras n. 157/158, julho de 2000, Fundação Calouste Gulbenkian.
- (3) Estrofe de Muerte y vida Severina, in: Antología poética, coordinación, prólogo, cronología y bibliografía de Felipe Fortuna y selección y posfacio de Antonio Carlos Secchin. Tradução de Santiago Kovadloff.
- (4) In: Maresia, Revista de la Asociación de Lusitanistas del Estado Español, Directores Perfecto Cuadrado y Elena Losada Soler, núm. 1/2006.
- (5) In: Revista Polímica, São Paulo, 1980, número 4, dirigida e editada por Aurora Fornoni Bernardini. E, agora, no website de Régis Bonvicino, seção Entrevistas, [www.http://regisbonvicino.com.br](http://regisbonvicino.com.br)
- (6) Depoimento de Nelson Leirner a Régis Bonvicino sobre Joan Ponç, em 19 de janeiro de 2008, especialmente tomado para esta edição.
- (7) Recife/Sevilha, João Cabral de Melo Neto, documentário, Direção de Beбето Abrantes, 2003, com João Cabral de Melo Neto, Antoni Tàpies, Modest Cuixart, Arnau Puig e outros.
- (8) Eric Hobsbawn. Globalização, Democracia e Terrorismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. Título original: Globalization, democracy and terrorism, Copyright 2007 by Eric Hobsbawn.

*Capibaribe Vivo é uma iniciativa do Parque Capibaribe, convênio entre a Prefeitura do Recife, através da Secretaria de Meio Ambiente e Sustentabilidade e a Universidade Federal de Pernambuco, através do InCiti, com apoio da Companhia Editora de Pernambuco - Cepe.*

Realização

**PREFEITURA DO RECIFE - SECRETARIA DE MEIO AMBIENTE E SUSTENTABILIDADE**

Prefeito - Geraldo Júlio

Secretaria de Meio Ambiente e Sustentabilidade - Cida Pedrosa

Secretário-executivo de Unidades Protegidas - Romero Pereira

**INCITI/UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO**

Reitor - Anísio Brasileiro

Pró Reitor para Assuntos de Pesquisa e Pós-Graduação -

Francisco de Sousa Ramos

Professores coordenadores -

Circe Monteiro

Luiz Vieira

Roberto Montezuma

Coordenação de Comunicação - Rodrigo Édipo

Apoio

**GOVERNO DO ESTADO DE PERNAMBUCO**

Governador - João Soares Lyra Neto

Secretário da Casa Civil - Luciano Vásquez Mendez

**COMPANHIA EDITORA DE PERNAMBUCO - CEPE**

Presidente - Ricardo Leitão

Diretor Administrativo e Financeiro - Bráulio Menezes

Diretor de Produção e Edição - Ricardo Melo



ESTE EXEMPLAR DE CAPIBARIBE VIVO FOI  
IMPRESSO SOBRE PAPEL PÓLEN SOFT 80G/M<sup>2</sup>  
(MIOLO) E CARTÃO SUPREMO 250G/M<sup>2</sup> (CAPA)  
PELA COMPANHIA EDITORA DE PERNAMBUCO  
PARA O PARQUE CAPIBARIBE EM  
JANEIRO DE 2015





Abel Menezes • Adélia Coelho Flô • Aymmar Rodriguéz  
Bruno Liberal • Cândido Rolim • Cida Pedrosa  
Cristhiano Aguiar • Cleyton Cabral • Delmo Montenegro  
Fábio Andrade • Fernando Monteiro • Francisco Pedrosa  
Geresa Leal • João Gomes • João Urban  
Jomard Muniz de Brito • José Juva • Jussara Salazar  
Manuela Salazar • Marcelino Freire • Marcopolo Guimarães  
Maria Alice Amorim • Mariana Nepomuceno  
Martim Palacio Gamboa • Mayra Melo • Micheline Verunschik  
Raimundo de Moraes • Raul Córdula • Régis Bonvicino  
Ricardo Aleixo • Rodrigo Édipo • Socorro Nunes  
Valmir Jordão • Wellington de Melo • Wilson Freire

Realização



Apoio

